

**QUINTA-FEIRA**  
Lisboa-- 7 de Novembro--1929

**5** sempre **TOES**

**4.º ANO**

Sr.  
renga

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

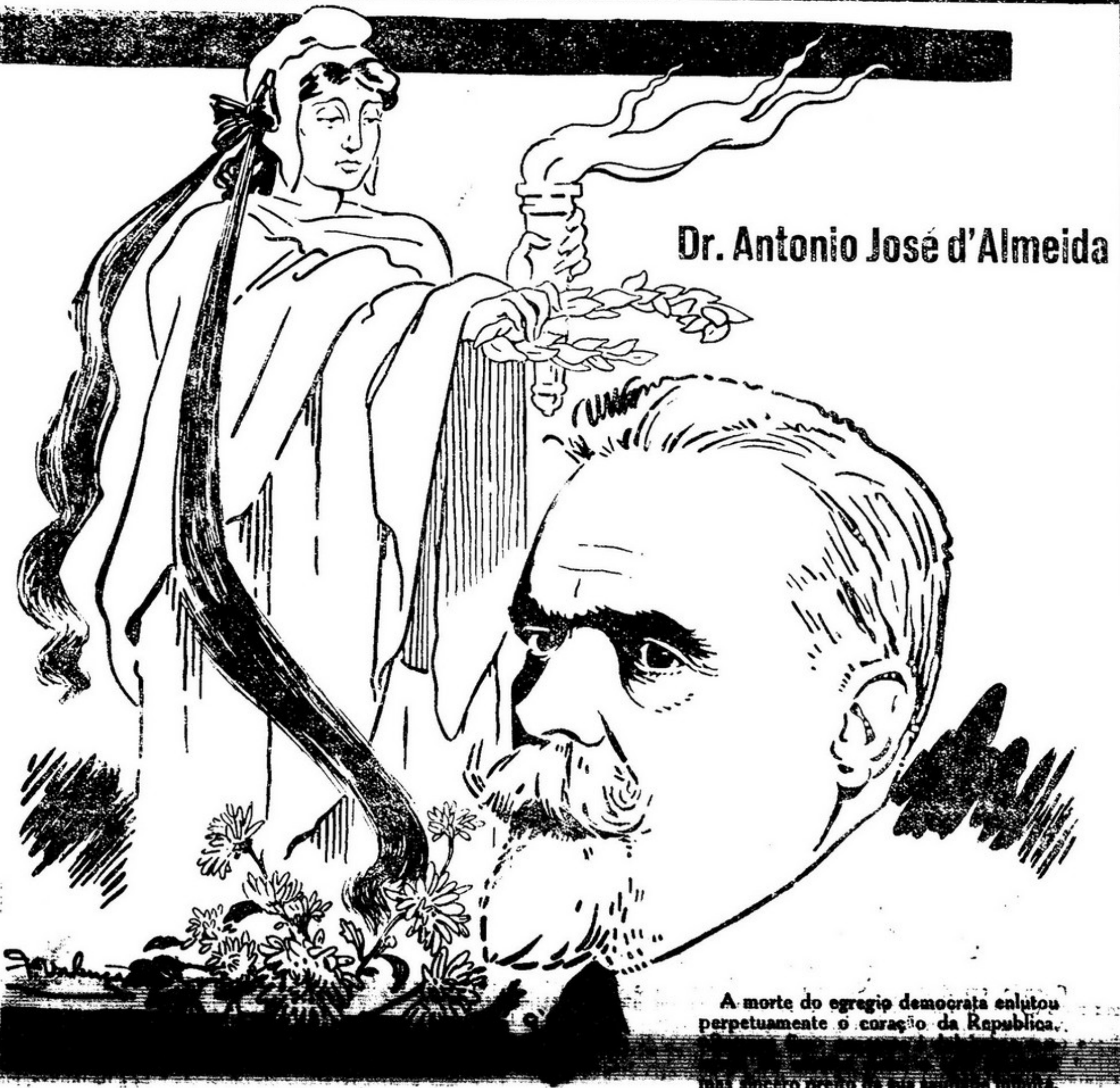
**181**

**sempre**  
**fixe** semanário  
humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57



**Dr. Antonio José d'Almeida**

A morte do egregio democrata enlutou  
perpetuamente o coração da Republica.

mas sacro preito da sua saudee mitta.



## Os ditos da semana



**Stuart** Stuart, o nosso Stuart Carvalhaes, que todas as semanas delicia os nossos leitores com os seus magníficos desenhos e com as suas *boutades* deliciosas é o homem dos sete officios. Toca todos os instrumentos. Desenhador, ilustrador, caricaturista e dos melhores, mas não contente com isso, enveredou agora para o teatro e deu-nos numa peça, esplendidos scenarios e lindos figurinos.

Sucesso retumbante. Aquilo é pau para toda a obra. Ainda o havemos de ver architecto, director de orchestra, ou autor dum poema epico, ele que por enquanto é apenas um simples amator de musica e um *diletante* de casas de saude.

Daqui o abraçam os seus camaradas do *Sempre Fixe*, fazendo votos porque ele se não lembre um dia de começar a fazer contos e cronicas humoristicas.

**Gato por lebre** Ha muito que os nossos estomagos reclamavam contra um ingrediente que cheirava a azeite, mas não era azeite,

A Bolsa Agricola bolsou as suas razões, afirmando que em Portugal as azeitonas só davam azeite, do autentico, do Herculano, que foi mais feliz do que nós, recolheu a Vale de Lobos, fabricando-o por sua conta e risco, morrendo tarde, e sem ser envenenado...

Pois bem. Tudo mudou. Até o azeite que hoje em dia é oleo de baleia, muito bem disfarçado, como os venenos que uzavam os Borgias para se livrarem dos inimigos.

O honrado e honesto commercio ficou suppreendido com o caso! Nós não ficamos! Ha muito que o nosso estomago se vinha queixando da mistela esverdeada e repelente que era obrigado a digerir. Mas ninguem acreditava! Perdão... Ha alguns mortos no cemiterio, que se tiveram que render á evidencia... e á intoxicação.

**A crise dos cartazes** Lisboa, esquina da não tem cartazes. Eram os

jornaes da rua, gratis e flamantes.

Paredes nuas, tristes paredes, que todas as semanas tinham vestido novo, um novo producto a anunciar. Havia garotos que aprendiam a lér nos cartazes, na grande escola da rua! A industria parece ter desaparecido! Mas nem por isso Lisboa ficou mais linda, ou mais acciada!

Os cartazes eram a sua *maquillage*: baton e bistre, decôres sensacionistas. Sem eles, as rugas, as verrugas, apparecem hediondas de miseria.

Para alegrar a vista, artistas anonimos desenham nas paredes, heraldicas sugestivas, numeros exactos.

Teria valido a pena?

## Antonio José d'Almeida



Quando, em Portugal, morre um homem cercado do respeito, da amizade e do carinho de todos os seus concidadãos é porque era mais do que um homem justo. E assim morreu Antonio José d'Almeida.

A nossa homenagem derradeira ao grande tribuno, ao indefectivel homem de bem, consiste apenas, singelamente, em lançar um traço de dôr onde sempre se pretende esboçar um grito de alegria e em apontar o seu exemplo a todos os portugueses, não para que sejam iguais a ele, porque não pôde exigir-se a uma Nação inteira que se componha de homens daquella estofa moral, mas para que, seguindo no seu caminho, possam honrar-lhe a memoria dignamente.

Antonio José d'Almeida encarnou a alma da Republica que ele soube tornar realidade. Morrendo, deixa de luto a Republica, mas deixa tambem sangrando o proprio coração da Patria.

# TEATRO

## «RETROZ PRETO...»

### MARIA MATOS

**CORROBORANDO** o que dissemos nesta página, há alguns meses, parece e diz-se que o segredo da solução da crise teatral reside no barateamento dos lugares...

Assim se escreveu no *Diário de Lisboa*.

Entre as vantagens desse processo de defesa, afirma o autor do artigo:

«O teatro barato conduziria:

— A affluencia de mais publico (e não se suponha que do pior publico);

— A garantia de mais fixação das companhias;

— Ao desenvolvimento do gosto, ou, quando não gosto, habito de o publico ir ao teatro;

— A mais frequentes experiencias de repertorio;

— A «popularização» da arte de representar, que, embora em certos casos, seja função de *élite*, e sempre função popular;

— Enfim: a defesa do empresario, condicionado o processo como abaixo se aventa.

Quanto ao condicionamento, podemos enumerar:

— Necessidade de os artistas, ainda os mais categorizados, se resignarem a menores ordenados. (Isto já está succedendo, e nobremente. Com effeito, diga-se o que se disser, mais vale pequenos ordenados certos e em temporadas grandes, do que ordenados fabulosos, a prazos curtos, com theatros fechados, crises, dividas, conflitos e actualidades de pagamento);

— Necessidade de o Estado desentretar, por uma visão altaneira do que seja a função do teatro na vida social, as empresas de certos castigos tributarios;

— Necessidade de o publico e as *élites* orientadoras se convencemem de que bem ou razoavel teatro não é apenas aquelle que exige montagens fabulosas, deslumbramentos de guarda-roupa e milharas de *mezzanet celestia*...

Achamos muito bem. Aplaudimos mesmo. Tanto assim que já pensamos em escrevermos isto. Mas não será tudo isto *nonsensu celestia*?

Para as empresas podrem chegar ao barateamento dos lugares, o que era necessario:

1.º — Redução dos ordenados dos artistas;

2.º — Diminuição dos impostos e das contribuições;

3.º — Abaixamento do preço dos annuncios nos jornais: (Em media, um teatro gasta diariamente em publicidade 800 escudos — e não faz grande reclame).

Basta só isto... Conseguir-se-hia? Es-tamos em dizer que não...

O citado artigo acaba:

«irse, como em Espanha, para o teatro sem complicações de scenarios (e esta mania da riqueza arruinou muito empresario, seduzido pelo figurino estrangeiro), e procurar-se então arrancar dos autores teatro simples, gracioso, caracteristico, com esta ou aquela indole, mas sem preocupação de figurar, daqui a cem anos, na galeria onde figurarão — sabe-se lá? — Bernard Shaw ou Pirandello.»

Oh! filho! As peças já são postas com tanto pobreza — motivo ás vezes do insuccesso — e ainda queres pior?

Pode lá ser h...

No entanto, a experiencia, que aliás já se fez, deu poucos resultados... É talvez questão de teimar... mas se o publico teimar em não ir ao teatro na mesma, lá temos o caldo e a experiencia estornados...

OS velhos e os afastados voltam... Lemos algures:



**Uma actriz, que apesar de ser primeiro premio de tragedia do Conservatorio, tem feito rir a bom rir, o publico que ha meia duzia de anos frequenta os theatros onde trabalha a «sogra» efectiva da scena portugueza.**

«Precisamente quando se nota um maior numero de artistas sem contrato, outros, já afastados do teatro e velhos artistas, manifestam desejos de voltar a scena.»

É sempre assim... Quanto mais n'ole encontram, mais carregam...

A peça inaugural da companhia do T. P. intitula-se «A Rainha de Biarritz».

Na interpretação entra uma estreadante chamada Zita.

Achamos que a peça se devia chamar: «A Imperatriz Zita de Biarritz»...

Era mais certo — e mais adequado ao nome real...

DIZEM os reclames da nova peça do T. A. que a «Pluma verde» vai ser posta *com todo o esplendor*...

É o que faltava que a pusessem ao lado... para tapar a careca!

Aqui há anos, usaram-se em Paris cabeleiras verdes... Agora ás plumas é que ainda não chegou a hora...

COMO dissemos, a Hortensy subiu o Chiado e a Lima subiu a Avenida... Em teatro, sobe-se constantemente. Até sobem os que não devem... Sobem não se sabe como... mas sobem! Há tantos exemplos...

T. S. — um dos actores da scena portugueza — falou sobre cinema...

Fizeram-lhe a pergunta sacramental:

— Teatro e cinema tem-se mutuamente a recear?

Resposta de L. S.:

— Não o creio. Julgo até que poderão viver independentes, cada um seguindo o seu caminho. Se cada um deles tem a sua tecnica, os seus processos, o seu publico e os seus interpretes...

Depois, o entrevistador deseja saber qual a opinião de L. S. sobre o cinema sonoro.

A resposta da eminente comediante:

— Não sei bem o que isso seja, confesso-lhe. Ainda não tive ocasião de apreciar — mas acredito que não creio muito no seu triunfo...

L. S., dizendo que ainda não viu, acrescenta que não acredita no triunfo...

Não, que já vimos — e por outra, há ovinnos — asseveram — que não tem exito... a não ser que a critica repulsa pelo cinema... faça pensar desta maneira.

Alguem define assim a cinema sonoro:

— É muito bonito, é muito interessante, é uma formidavel descoberta... mas não presta.

É como aquelas pessoas que são muito boas, incapazes de fazer mal a alguém, mas, na pratica, não valent nada.

Será assim? Ou a arte do silencio passará a ser a arte da falala...

O melhor e o *caldo*... já disse o outro...

T. do B., desde que se *colou* para o cinema, desapareceu por completo, dos palcos theatros.

Acabaram os *interpretes* cuidadas pelo do B.

O que vale é que o E. B. já ainda dos *interpretes* das peças. Ora leia-se esta noticia teatral que vem estampada num jornal:

«Todas os interpretes da peça «A primeira noite», a subir a scena no Teatro do Gimnasio, depois da peça «A Raga de Azarab», que está em pleno exito, são cuidadas por Eneo Braga, que acaba de obter uma preciosa colleção de moedas antigas e modernas para esse effeito.»

Cuidar dos *interpretes* com moedas antigas e modernas não sabemos o que será... Mas esperemos pela primeira noite. Talvez da nos traga essa surpresa teatral...

O pal de todos, de *pluma verde* deve ficar muito bonzinho...

O *Diário de Lisboa* publicou a seguinte informaçao:

«Chaby Pinheiro acaba de vincar a sua estada no Porto com um belo gesto que muito o nobilita. Tendo visitado a Casa dos Jornalistas, deu-lhe para o seu cofre beneficente a quantia de 500 escudos.»

O Chaby perdeu a cabeça... Foi o ar do norte!

O E. B. continua a fazer *partes gags* nos intervalos do T. do G. Agora canta-lhe o «Ce n'est que votre main, madame!».

É danado, este E. B.!

O concurso do T. N. faz-me lembrar aquella velha historia que lemos não sei onde e que começava:

— Oh minha mãe, tantos sapos...

— Quantos são, minha filha?

— É um a correr atraz do outro...

E a creança...

E a historia continuava...

Assim parece o caso do concurso do T. N. Concorriam cinco ou seis companhias... Afinal concorreu uma... e essa mesmo não foi aceite... por falta de base jurídica...

Imaginem vocês que o R. tem falta de base jurídica...

Com aquelle corpo que Deus lhe deu e que ainda está a crescer...

**O Homem das 5 horas**

# Elevador da Gloria

No hotel duma estação termal:  
 O cliente: — Estas aguas são boas?  
 O porteiro: — Magnificas! A semana passada chegou aqui de automovel um paralitico que ontem saiu correndo e sem pagar a conta...

\*\*\*

— O meu filho podia ter sido mil-festrel!  
 — E porque não foi?  
 — Porque se casou, e a mulher não quer que se dedique a pedalar!

\*\*\*

Numa restaurant:  
 O fregues: — Este copo está sujo!  
 O criado: — Admira-me! Já beberam por esse tipo de pessoas e não sentiram o perfume do meu copo...

\*\*\*

Numa festa:  
 Mil G. disse: — Não se esqueça de comprar o livro de Mrs. M. da Silva!  
 Ivan: — Não se esqueça de comprar o livro de Mrs. M. da Silva!  
 Como se esqueça disso?

\*\*\*

— Hoje não posso ir ao teatro, não tenho dinheiro!  
 — Não se preocupe, amanhã já tenho dinheiro!  
 — Não se preocupe, amanhã já tenho dinheiro!

\*\*\*

— Não se preocupe, amanhã já tenho dinheiro!  
 — Não se preocupe, amanhã já tenho dinheiro!

\*\*\*

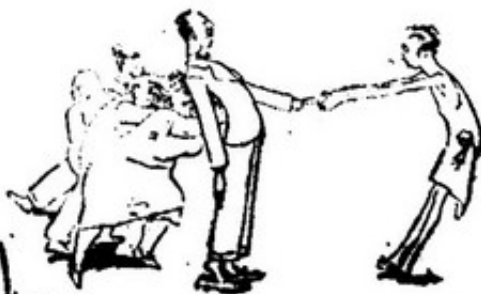
— Não se preocupe, amanhã já tenho dinheiro!  
 — Não se preocupe, amanhã já tenho dinheiro!

\*\*\*

— Não se preocupe, amanhã já tenho dinheiro!  
 — Não se preocupe, amanhã já tenho dinheiro!



O cliente: — Estas aguas são boas?  
 O porteiro: — Magnificas! A semana passada chegou aqui de automovel um paralitico que ontem saiu correndo e sem pagar a conta...



— Como des se casam...  
 (De Gertraude Sachs, Leipzig)

## TAC-TAC-TAC

# Uma mancheia de anedotas

Não se atreçam os meus tres mil leitores com o titulo de hoje: — eu tenho a mão muito pequenina de forma que uma minha mancheia de anedotas leva tão poucas, quasi tão poucas como os tostões que por escrevê-las saem das mãos hiantes do sr. Manzon, que, se não fora tão bonito e simpatico, eu já teria lançado ás fregas das minhas pragas — que isto de pragas sem razão, la diz o tifo, rem a administração!

Dito o que fica, vamos a isto: é entrar! é entrar, para ouvir as espirituosas anedotas do sr. Velhofrac, a quem, der mais pode levá-las e decorá-las e dizer que são suas, muito suas, que eu não me importo nada com isso por varias razões e notas suas a qual é, como também, graças a Deus, das per suas mãos...

Uma vez, quando eu, como se fosse no tempo da minha originalidade dos meus tempos e oprimos teatralistas do tempo do Norberto de Arago, me encontrei com...

Uma vez, quando eu, como se fosse no tempo da minha originalidade dos meus tempos e oprimos teatralistas do tempo do Norberto de Arago, me encontrei com...

Uma vez, quando eu, como se fosse no tempo da minha originalidade dos meus tempos e oprimos teatralistas do tempo do Norberto de Arago, me encontrei com...

Uma vez, quando eu, como se fosse no tempo da minha originalidade dos meus tempos e oprimos teatralistas do tempo do Norberto de Arago, me encontrei com...

Uma vez, quando eu, como se fosse no tempo da minha originalidade dos meus tempos e oprimos teatralistas do tempo do Norberto de Arago, me encontrei com...

Eu tenho um amigo medico muito engraçado que me contou ha dias a seguinte:

— Um dos meus mais pequenos clientes, que tem 8 anos, sofre de perturbações gasticas. Dai ter febre com frequencia. Habitualmente, e a meu conselho, a mãe toma-lhe a temperatura pela via rectal.

Outro dia, como, para uma visita de cerimonia, a mãe tivesse saído comfiança esse cuidado a uma dama de companhia que, ignorando o processo usual, lhe quiz tirar a temperatura de baixo dum dos braços. Não houve meio! O pequeno resistia, chorava, barafustava.

— Aqui não! Aqui, não! — gritava e já não mais.

— Mas, então, porquê? — perguntou por fim, a criada impaciada.

— Porque é preciso fazer aqui um exame — explicou ella, chorando, melancolica.

\*\*\*

Um proprietario impressionado de New Castle, pediu a Bernardo Shaw — o célebre dramaturgo inglés — que fosse o padrinho do seu novo filho. Por essa occasião, deu uma festa importante. O filho foi baptizado com Chamungue, Bernardo Shaw, abundantemente com todos os assistentes, brindes e presentes as felicidades do sr. Chamungue.

No dia seguinte, encontrou um copo de Chamungue.

— Chamungue! Chamungue! — gritava e já não mais.

— Chamungue! Chamungue! — gritava e já não mais.

— Chamungue! Chamungue! — gritava e já não mais.

— Chamungue! Chamungue! — gritava e já não mais.

Cirano de Velhofrac.



— E agora, depois de tirar o curso de medico, vai para a escola? Não devia ser permitido.  
 — ?!  
 — Porque vocês, os medicos, não podem fazer receitas no ar.

# PELO MUNDO

PARIS, 6. — A revista das Folies Bergères será passada amanhã pelo general Petin.

PRETORIA, 5. — Miss Mary Derys acaba de dar á luz uma interessante criança, que se recusou obstinadamente a receber o nome de Ernesto que a mãe lhe queria pôr.

PARIS, 6. — O ministro das Pensões inaugurou ontem com toda a solenidade a pensão de madame Josephine Chaudière.

GLASGOW, 5. — Um medico desta cidade que acumula essas funções com as de engenheiro acaba de descobrir um processo de alimentar as locomotivas dos comboios, que vai revolucionar o mundo.

Trata-se, no que se diz, de substituir o carvão de Cardiff por carvão do Pollo.

FRANCOFONIA, 6. — Franz Smith dá um almoço, convidado, a quem o cura da freguesia acasillava constantemente a não fazer, repetindo-lhe estas vezes: — O almoço ha de ser a tua morte!

O cura parou de convidar a porque, embora pelos 9 horas prefixas, Franz ficava debaixo duma pipa de vinho que entrava para casa dum modo que não se podia ver.

TODOS SE... (Text partially obscured)

PARIS, 6. — (Text partially obscured)

PARIS, 6. — (Text partially obscured)

PARIS, 6. — (Text partially obscured)



— Aqui neste acouto morretam 6 pessoas.  
 — Quinadas?  
 — Quã! Morretas...



— Agora me lembro; pague a conta da electricidade?

**BOM HUMOR**

- E' boa esta escola de dactilografia?  
 -- DA magnificos resultados. Das cem alunas que o ano passado acabaram o curso, oitenta casaram-se com os seus chefes de escritorio...

\*\*\*

Na esquadra de policia:  
 -- Venho entregar-me a prisao! Acabo de dar uma sova na minha mulher!

-- Matonal!  
 -- Não, senhor! Por isso mesmo é que quero ser preso...

\*\*\*

-- Esta tarde, no Casino dos Elegantes, descobriram-me a fazer bafota no jogol!

-- Foste expulso, claro!  
 -- Não, senhor! Os socios quizeram que eu ficasse para lhes ensinar como era...

\*\*\*

O zeloso: -- O sr. doutor esta convencido que recupere a minha duvida?

O advogado: -- Não, senhor. Mas, se eu não a tiver, não posso fazer nada...

\*\*\*

Entre dois: -- O papa e o irmão fizeram a paz durante o jantar e tiveram que chamar o irmão.

Quem ficou doente?  
 -- Foi o Gama, depois de ter copiado a constituição...

\*\*\*

Um senhor e uma senhora: -- O senhor esta aqui para o casamento?

O senhor: -- Não, senhor. Mas, se eu não a tiver, não posso fazer nada...

\*\*\*

Um senhor e uma senhora: -- O senhor esta aqui para o casamento?

O senhor: -- Não, senhor. Mas, se eu não a tiver, não posso fazer nada...

\*\*\*

Um senhor e uma senhora: -- O senhor esta aqui para o casamento?

O senhor: -- Não, senhor. Mas, se eu não a tiver, não posso fazer nada...

**Marias de Portugal**

Entre as virgens brancas,  
 Com que tu d'as nos brinda,  
 Ainda ha muita a vida,  
 O Concurso das Marias,  
 Que foi, como tu a vida...

Como a minha senhora,  
 Nunca Maria se curra,  
 Não comendo co'ra mania,  
 Daquelle que pretendia,  
 Que lhe nos Marias na terra...

Mas, dante isso de barato,  
 Causou interesse geral,  
 Teu apelo espalhado,  
 Do reclame de aparato,  
 Do concurso do jornal...

Como seja complicado,  
 O concurso vos explicito?  
 E como seja apressado,  
 Em versos de pé quebrado,  
 O concurso exemplifico:

Veni, por exemplo, a gravar,  
 Duma dama de penacho,  
 E de excessiva godura,  
 Com uma espada a cintura,  
 E estes versos por baixo:

«Esta dona celebrada,  
 Que pertence á guarda velha,  
 Já se quiz bater á espada,  
 E é socia da Cruz Vermelha.

Houve tempo em que fazia  
 Seu politico discurso,  
 E é esta a maior Maria  
 Das Marias do concurso.»

Isto não tem, a meu vêr,  
 A menor dificuldade!  
 Ainda se não saber!  
 Não tem nada que saber!  
 -- E' D. Maria Arade.

João Fernandes.



**DR. DINIZ JUNIOR**

«Sempre Fixe» sauda com um estreito e fraternal abraço a ilustre jornalista brasileira, director de «A Noite», mas, como sempre, permanentemente estreitada pelo brilho fulgurante do seu talento de primeira grandeza.

**As mulheres e o trigemio**

Deplamente não há a grandeza absoluta dos sexos. Não. Quer se o ponto de vista intelectual, quer sob o ponto de vista intelectual, tudo difere, e, muito principalmente no ponto mais que visto de apuro dos sentidos. Aqui é que está o gato. Dos pontos bons toda a gentil gaceta faz caso; dos maus so resa a historia... sentada dos nossos tristes dias. Elas, porém, para não ficarem atraz dos homens, apertam o quadril e, de tal sorte, que não ha azar que as contagiem. A rua do Ouro -- oh! vil metal! é o jogo das dadas, e o da prata -- que venha ela -- tambem não deixa de ser um negocio literario, nos pontos!

O proprio Jose Santa -- ai Gama -- já por lá passou. Viu e venceu, copiando as notas do Cesar... Mas, para revelar certas diferenças entre os sexos, basta este simples exemplo: o homem, o Gama, o patete, o puto da rua que proclama a sua fidelidade Maria Matos, não bofia e não se enche de vaidades, está, a cada momento, a recitar, com que ao tempo se dá a si mesmo o sermão, e a cada vez que se encontra com uma mulher, dá-lhe um conselho de bom senso.

É claro que o Gama, com o trigemio em apanhado, apanha a vida, apanha a vida, apanha a vida... Mas, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos... Não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos... Não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos...

NOVA ORINA... Não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos... Não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos...

... Esta estrada é muito abalada... Não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos... Não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos...



... Esta estrada é muito abalada... Não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos... Não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos, não se deixe levar pelos seus sentimentos...

**Quereis dinheiro?**  
 Jogal no  
**Lana**  
 Rua de Império, 51 -- LISBOA  
 Sempre sortes grandes!

# A FAMELINA Uma novela incompleta de uma morena

O senhor Oliveira, a Lúcia de Freitas e o Sr. Joaquim, o proprietário do restaurante, não sabiam de que alguma coisa havia de extraordinário, posto que todos os comensais saíam dali com o estomago cheio de alimentos sólidos e não doentes, saíam para a rua sem fome, a fome que meia hora depois, voltava a sentir-se como quando fora a fome, e a fome de novo, e a fome de novo, e a fome de novo...

Depois de algumas semanas, os comensais continuavam a sentir-se assim, e o caso não era um caso de fome, mas era a fome de novo, e a fome de novo, e a fome de novo...

Quando os manifestos da própria D. Olegaria, através da imprensa matritense, foram publicados, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

O sr. Joaquim! Quem é que naquela terra não conhecia o sr. Joaquim, o empregado mais velho e despedido das mercearias do universo?

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

que nestes assuntos era quem marcava... Por seu lado, as raparigas achavam-no muito respeitador e bom rapaz, talvez por isso mesmo não eram capazes de o olhar com um possível respeito.

De varias vezes tentara insinuar-lhe qualquer coisa, a seu modo, mas uma gargalhada estridente era sempre o que colhia como resposta.

Logo desanimava-o, entristecia-o! O casamento aparecia-lhe então como uma doce miragem — a felicidade, que nunca se alcança!

Ele bem sabia que não era bonito, não era também uma inteligência e só não era feio. Mas também era brasileiro, um riacho lá da terra, antipático e feio, casara a 30 anos com uma rapariga lúida, novinha, um verdadeiro botão de rosa.

Alô, o dinheiro... o dinheiro... muito pode deitar.

Mas tantas vezes vai o cartão à fonte... que, um belo dia, o moço Joaquim sempre encontrava na resposta aos seus pedidos amorosos, na sua gargalhada estupefacida, mas uma pitada de indecência e aprofundamento d'alma já sabida, primeiro do amor, no cartão.

Ela era um pouco mais velha que ele, e certo, não era bonita, mas se não lhe chamava mais bonita, mais um pouco — era uma mulher!

O caso passou-se a tardinha, na loja.

Ela qualificava-se que as missas não vão, não se podem acucar, e Joaquim arrastou-a apinhada com um suspiro.

Até, finalmente, não se pôde ser feliz por esse tempo.

E numa transição brusca: — Olhe, Manóquias, que o mundo de si! Não quero casar contigo!

Ela ruborizou-se toda, como as Virgens do século XVIII, e respondeu-lhe: — Pois sim! Se é assim, não vou.

E dois meses depois, estavam em Lisboa, a passar a lua de mel.

Mario Augusto

A menina Laurinda, uma morena-torrada, de franja para a testa e olheiras violáceas, 16 anos hysterico na perspectiva duma catastrophe e mais vontade de casar do que de ficar bem no primeiro ano de tranças, era um encanto para o Sr. Joaquim.

Logo desanimava-o, entristecia-o! O casamento aparecia-lhe então como uma doce miragem — a felicidade, que nunca se alcança!

Ele bem sabia que não era bonito, não era também uma inteligência e só não era feio. Mas também era brasileiro, um riacho lá da terra, antipático e feio, casara a 30 anos com uma rapariga lúida, novinha, um verdadeiro botão de rosa.

Alô, o dinheiro... o dinheiro... muito pode deitar.

Mas tantas vezes vai o cartão à fonte... que, um belo dia, o moço Joaquim sempre encontrava na resposta aos seus pedidos amorosos, na sua gargalhada estupefacida, mas uma pitada de indecência e aprofundamento d'alma já sabida, primeiro do amor, no cartão.

Ela era um pouco mais velha que ele, e certo, não era bonita, mas se não lhe chamava mais bonita, mais um pouco — era uma mulher!

O caso passou-se a tardinha, na loja.

Ela qualificava-se que as missas não vão, não se podem acucar, e Joaquim arrastou-a apinhada com um suspiro.

Até, finalmente, não se pôde ser feliz por esse tempo.

E numa transição brusca: — Olhe, Manóquias, que o mundo de si! Não quero casar contigo!

Ela ruborizou-se toda, como as Virgens do século XVIII, e respondeu-lhe: — Pois sim! Se é assim, não vou.

E dois meses depois, estavam em Lisboa, a passar a lua de mel.

Mario Augusto

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."

Quando saíam, de casa, a mulher empunhando a sua mala, o Sr. Joaquim sempre dizia: "O sr. Joaquim sempre diz cada um..."



—E que dás a teu marido quando o jantar lhe não agrada... —O chapeu e a bengala...



I — Quanto custa um bilhete para Cascais?  
— Cinco mil reis.  
— Dou sete tostões, quere?  
II — Quanto custa um bilhete para Cascais?  
— 4 escudos...  
— Dou sete tostões.  
III — Quanto custa um bilhete para Cascais?  
— Sete tostões.  
— Eu não disse que me haviam de vender mais barato?...

**“A Peninha” “Restaurant”**

O seu proprietario previne os seus Ex.<sup>mos</sup> amigos e clientes que reabriu este acreditado “restaurant”, na rua Pascoal de Melo, n.º 2.

Esta mudança fez-se em virtude do predio onde se encontrava instalado ameaçar ruina. Este “restaurant” encontra-se em optimas condições de fornecer almoços, jantares e ceias, para o que está aberto toda a noite, enviando-os tambem aos domicilios, com pessoal devidamente habilitado e sob a direcção de um chefe de cozinha, com uma cozinha muito boa.

**0, Rua Pascoal de Melo, 2-A (à Abertura de Melo)**  
Como é habito de sempre Portugal — TELEPHO 2.000

**ATUM EM AZEITE!?**

**TENORIO**

**TENORIO**

MARCA REGISTRADA

Por ter o lado de fora e dentro não publicamos neste numero a nossa secção habitual de Fitas Faladas. Mas, para a semana—cá estamos...



O que se diz e o que se não deve dizer

# A tragedia dos cartões para o "foot-ball"

As coisas do *foot-ball* não vão bem. Todo o conjunto de circunstancias, de situações, de acontecimentos — a indiar Clubs em decadência. Nenhum club florescente. Clubs expulsos dos campos. Outros em vésperas de expulsão. Situações defraudadas. Diminuição de receitas, de entusiasmos, de jogos. Retraimento do publico...

E a falta de? Não! E' um principio de decadencia — decaivel e mo todas as direções em pratica.

A situação exige apenas um remedio — direções e pensamentos se costumam a repetir a um dos minutos, e que se resolvam a por em pratica a medida da situação. Os clubes aplicarem se para a medida da situação a medida da situação.

Por que os clubes não se resolvem a aplicar a medida da situação a medida da situação? Por que os clubes não se resolvem a aplicar a medida da situação a medida da situação?

He' a falta de? Não! E' um principio de decadencia — decaivel e mo todas as direções em pratica.

Os clubes não se resolvem a aplicar a medida da situação a medida da situação? Por que os clubes não se resolvem a aplicar a medida da situação a medida da situação?

He' a falta de? Não! E' um principio de decadencia — decaivel e mo todas as direções em pratica.

Os clubes não se resolvem a aplicar a medida da situação a medida da situação? Por que os clubes não se resolvem a aplicar a medida da situação a medida da situação?

Os clubes não se resolvem a aplicar a medida da situação a medida da situação? Por que os clubes não se resolvem a aplicar a medida da situação a medida da situação?

Os anos passaram. Eles sabem que em abandonar a arena, que utilizo a minha actividade noutras coisas, que puz na arrecadação dos brinquedos meus o celebre racete de tuta permanente. Em resumo: — que me estou a arribando...

E assim se explica a repetição da fabula. Assim se explica o inevitavel resultado...



Como ha tantos jornalistas zangados e a isto que re-efectuaram uma reunião — sempre lhos contarei uma historia a proposito.

Ha em o anno, uma directiva da J. F. L. tentou, mais offensiva idem a contra os pressos. Pois a resultação do conflicto foi duma simplicidade em absoluto.

Nuno e nuno a que fui, representando os para *Diário de Lisboa*, após sentença a sua permanencia a respeito do conflicto de duma simplicidade em absoluto. E assim que o apudat, as lhos, pelos pressos, a nuno que nuno havia a nuno que nuno por sobre o caso. Resulto o papel no todo e em parte um. O papel era a nuno um papel pelo qual os pela nuno desportivos sudistas se compoem...

tiam a não publicar nem um linha de anuncio a jogos de *foot-ball* de qualquer especie, bem como TODAS as noticias enviadas por qualquer dos clubs representados na directiva da J. F. L.

Mas como um grande diario se não fizera representar na reunião, por isso o seu director e extraz lhos o caso. A sua indignação foi tal que me pediu imediatamente uma serie de artigos para serem publicados a um fundo, a primeira voz.

Para principiar, escrevi artigos, que tentem prontos a ser publicados se a *Associação* se não viesse na sua. Os temas nulos abelados eram desta especie:

Nuno e nuno a que fui, representando os para *Diário de Lisboa*, após sentença a sua permanencia a respeito do conflicto de duma simplicidade em absoluto. E assim que o apudat, as lhos, pelos pressos, a nuno que nuno havia a nuno que nuno por sobre o caso. Resulto o papel no todo e em parte um. O papel era a nuno um papel pelo qual os pela nuno desportivos sudistas se compoem...

Outro artigo tratava das constantes descuidos nos campos — o assunto tinha pouco para nuances.

Outro ainda expunha a impossibilidade de levar senhoras e crianças a espectáculos de *foot-ball*, em virtude da linguagem desbragada e atrevida dos jogadores e partidarios.

Elas, elas, etc., etc.

Quando, num domingo de jogo, alguém foi levar ao camarote da Associação a noticia do que se passava, eu percebi que os lemons tinham ficado lividos.

Um deles veio ter comigo e p'lar-me, em alto e bom tom, que não *fizesse* nada até a reunião da Direcção.

Cinco dias depois, o numero de cartas de protesto era aumentado, muito mais do que se podia. E ainda disso, cada club com campo proprio tomava o compromisso de enviar a cada carta um jornalzinho com toda a culpa contra.

Em vez de se resolver a nuno não se resolveu como praticar. A que se resolveu em subleto tratado.

## O campeonato de Lisboa

Os *abrilhos* do Casa Pia São uns trufalhos de Anjo, De Angola por serem negros, Trufalhos juvenis a boa.

Na freguesia de A' amara Tocam sinos a toale Por ver a malta do Clu'as A mastigar chosolale.

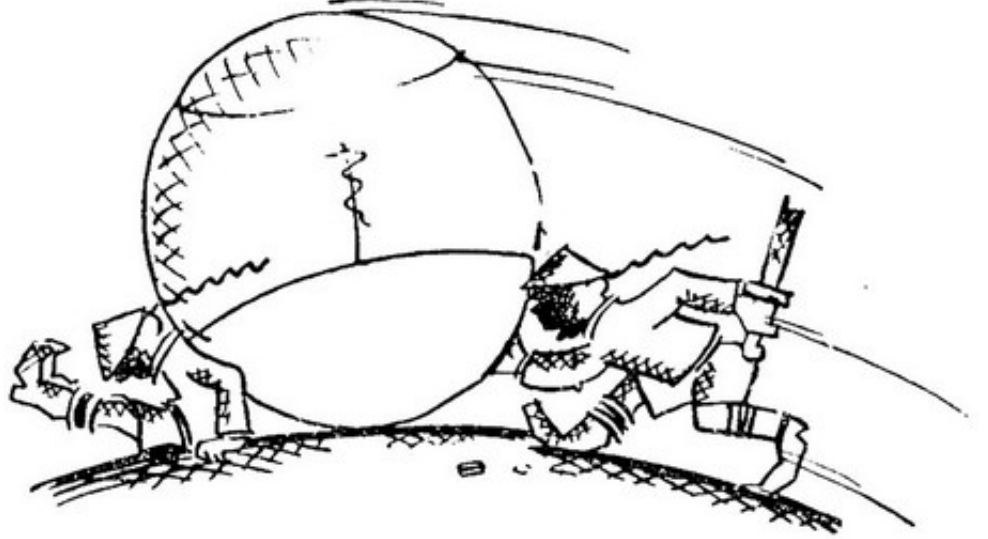
O' aguia que vax do alã No campo das Amoreiras! Os loões do Campo Grande Extrairam as tonetas.

O Botafogos faz goals Com lulas e foras de gaz. Os outros ha vax perando E o Populacho e que os...

Caso Alto em caso Alto m. Mas do que virgem, fulva, Por haver um Bon Sucesso Doze annos duma vez.

Zé Maria.

## NORDISTAS CONTRA SUDISTAS



Waldemar dois passaros na mão que muitos «ávoar...»

## UM CHARUTO CARO



# E OS DA SEMANA



NÊSTES ÚLTIMOS DIAS LISBOA FOI ASSOLADA POR UMA PRAGA DE 'GLOBE-TROTTERS' QUE NOS IMPINGEM POSTAIS. ERA BOM QUE ALGUÉM OS PUZESSE A TROTAR PARA CASA DOS PAPÁS.

CONSTA QUE A IMPORTANCIA DUMA EMPRESA CONTA SE PELO NUMERO DE RODAS DOS SEUS CAMIÕES - NÃO TARDARA HAVER ALGUNS COM TANTAS QUE AINDA LHES FIQUEM ALGUMAS PELO CAMINHO.

O BOM ESTADO DAS ESTRADAS ESTA NA RAZÃO DIRECTA DO NUMERO DE RODAS.



COMEÇOU A CAÇA A FORMIGA ARGENTINA - AS DESGRACADAS QUE CANTAVAM MUITO O TANGO PASSARAM AGORA A DANÇAR.



E CADA AZEITO NA QUE PARECE UMA BALEIA.

ESTA PROVADO QUE O FABRICO DE AZEITE DE BALEIA É UM BELO NEGÓCIO - POR ISTO, NAS REGIÕES OLIVARES COMEÇARAM JÁ OS ENXERTOS DE OLIVEIRA EM BALEIA.



DANTES. A VÔLSA OU A BIDA

E DEPOIS: NÃO NOS DARA VOCENCIA A HONRA DE UM SE GURU DE MORTE?

